



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 11

Agroecologia e Agriculturas  
Urbana e Periurbana



## RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

### Conflitos de poder em hortas urbanas: o caso da Horta das Flores

*Power conflicts in urban gardens: the case of Horta das Flores*

MACHINI, Mariana<sup>1</sup>; BIAZOTI, André<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), mariana.machini@usp.br;

<sup>2</sup>Mestrando em Ecologia Aplicada na Universidade de São Paulo (USP), andrebiazoti@gmail.com

**Tema gerador:** Agroecologia e Agriculturas Urbana e Periurbana

#### Resumo

Este trabalho visa explorar - à luz de conflitos entre uma horta urbana comunitária de São Paulo, a Horta das Flores, e a subprefeitura do bairro da Mooca - como a agricultura urbana agroecológica compartilhada gera uma série de discussões que ressignificam palavras como o público e o privado, o rural e o urbano, que trazem e discutem noções sedimentadas como o papel do poder público e as possibilidades de ação dos habitantes da cidade.

**Palavras-chave:** agricultura urbana; comum; dicotomia público-privado;

#### Abstract

This work aims to explore - looking to conflicts between an urban community garden, the "Horta das Flores", and the local public government - how the agroecological urban agriculture generates discussions that reaffirm meanings such as *public* and *private*, *rural* or *urban*, that bring back to discussion established notions such as the role of public power and the possibilities of action of the inhabitants of the city.

**Keywords:** urban agriculture; commons; public-private dichotomy

#### Contexto

Este trabalho trata de um tipo de atribuição dada a espaços de cidades do Brasil e do mundo: as hortas urbanas comunitárias. Com foco de estudo na cidade de São Paulo, as incursões a campo expõem a riqueza e complexidade das motivações e formas de ação desses agrupamentos - sempre constituídos por um intenso fluxo de pessoas e coisas - que se formam periodicamente para criar e manter espaços verdes de plantio agroecológico em meio ao concreto urbano.

Situadas em locais públicos, uma praça, um terreno abandonado da prefeitura, um canteiro em meio a grandes avenidas, as hortas de São Paulo são um movimento que carrega em si uma multiplicidade, agregando forte interligação entre meio ambiente, política, socialidade, troca de saberes, lazer e segurança alimentar; são experimentos que contemplam formas diversas de agir na e para a cidade. Este movimento se insere



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 11**

Agroecologia e Agriculturas  
Urbana e Periurbana



na chave de outros “coletivos urbanos” que não esperam avais institucionais para colocarem ideias em prática e funcionam não só almejando uma coletividade com outros valores, mas propriamente praticando-a.

Nesse sentido, o trabalho na terra é visto como uma forma de ativismo (NAGIB, 2016), buscando reivindicar o direito à cidade (HARVEY, 2008) por meio da ocupação de espaços públicos e confrontar a lógica industrial de produção de alimentos, incentivando o cidadão comum a plantá-lo, consumir produtos agroecológicos de pequenos agricultores e refletir sobre os impactos socioambientais do sistema agrícola hegemônico presente no meio rural. Nessa contestação ao latifúndio, à monocultura, aos agrotóxicos e à produção industrial de alimentos, as hortas urbanas se inserem no chamado “movimento agroecológico”, buscando desenvolver sistemas agroalimentares sustentáveis em todas as suas dimensões.

As hortas urbanas representam um território em disputa, onde diferentes modos de entender e produzir a cidade são colocados em confronto, assim como as diversas visões sobre o meio rural também são discutidas e problematizadas, transcendendo a dicotomia urbano-rural e trazendo luz à discussão do alimento sob uma perspectiva inovadora (ALMEIDA, 2016).

Pretendemos aqui analisar um longo e emblemático embate entre a chamada “Horta das Flores”, situada na Praça Alfredo Di Cunto no bairro da Mooca em São Paulo, e a subprefeitura local, dentro de uma dinâmica de disputa pelo usufruto e transformação do espaço que envolve especulação imobiliária, interesses do poder público e ação dos habitantes da cidade. A Horta das Flores é inserida em um dos bairros mais áridos da cidade, ao lado de uma das avenidas mais movimentadas da capital, a Radial Leste. Desde 2002 o espaço foi transformado de um depósito de entulho em uma horta comunitária gerida por mães de jovens carentes, dentro de um período em que a temática de agricultura urbana era muito pouco tratada em São Paulo. Entre aberturas e fechamentos do espaço pelo poder público, até hoje a horta e seus cuidadores lutam por sua sobrevivência, e possibilitam discussões sobre os sentidos de público, privado e comum dentro do universo da agroecologia urbana.

### **Descrição da experiência**

Desde 2014 a temática das hortas urbanas comunitárias agroecológicas de São Paulo é estudada pelos autores deste projeto, os quais se valem do método etnográfico, típico dos estudos em antropologia, para tal. Utilizando técnicas de observação participante, em que o pesquisador partilha dentro de todas as circunstâncias possíveis as práticas, interesses e afetos dos agrupamentos estudados, foram realizadas participa-



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 11**

Agroecologia e Agriculturas  
Urbana e Periurbana



ções em mutirões de diversas hortas paulistanas incluindo a Horta das Flores, além da presença em encontros e cursos mediados e organizados pelos interlocutores diretamente ligados a elas. Além disso, a presença em reuniões e discussões do Movimento Urbano de Agroecologia (MUDA-SP), audiência pública na Câmara Municipal de São Paulo sobre agroecologia e desenvolvimento rural sustentável e entrevistas dentro de técnicas de pesquisa qualitativa com alguns dos interlocutores cruciais formam, de maneira geral, a Metodologia de pesquisa.

A Horta das Flores surgiu como um projeto de envolvimento de moradores de rua no plantio urbano de alimentos para geração de renda e autoconsumo. Em 2003, a área de cerca de 7.000 m<sup>2</sup> foi ocupada para plantio por 22 pessoas em situação de vulnerabilidade social por meio do Projeto Agricultura Urbana, realizado pela Secretaria do Verde e do Meio Ambiente da Prefeitura de São Paulo. Com a mudança da gestão municipal, em 2005 o projeto foi abandonado e uma praça foi instalada no local. A gestão municipal à época iniciou o processo de venda do terreno, altamente valorizado, que foi confrontado pela organização dos moradores locais e da associação de bairro, os quais conseguiram impedir sua venda e possibilitar a manutenção da praça. Em 2011 iniciou-se outro projeto dedicado ao estímulo da produção de hortaliças e vegetais, plantas aromáticas, espécies para paisagismo, além de retomar o conceito de hortas comunitárias denominado Escola Estufa 'Lucy Montoro'. Com cursos gratuitos de produção orgânica, a estufa iniciou um processo de envolvimento comunitário no local, que foi abandonado em 2012 novamente com a mudança de gestão municipal. A partir de 2014, buscando evitar o abandono do local, um grupo moradores do bairro começaram a realizar mutirões de manutenção da horta e do espaço da estufa, promovendo atividades gratuitas e envolvendo a comunidade na gestão do espaço.

Ao longo de 2 anos, os moradores reuniam-se semanalmente para plantar, colher e realizar a manutenção da horta. Oficinas e cursos eram realizados voluntariamente por parceiros para troca de conhecimentos e capacitação dos participantes em agroecologia. O espaço contava com uma composteira, uma agrofloresta em estágio inicial e duas áreas de horta produtiva que seguia a técnica biointensiva de produção. Em 2016, foi realizada uma Festa Junina Livre de Transgênicos em parceria com paróquias e empresas locais, coletivos culturais e artísticos e o Movimento Slow Food, envolvendo cerca de 200 pessoas na horta. Logo após a festa, a Subprefeitura da Mooca, vinculada à Prefeitura Municipal e que realiza a gestão de praças no território, iniciou um processo de cerceamento da atuação do coletivo na praça, culminando no



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 11**

Agroecologia e Agriculturas  
Urbana e Periurbana



fechamento total da horta em agosto. O grupo envolveu-se em diversas reuniões com o poder público local, buscando sanar a situação e garantir o livre acesso à praça, fato que apenas se resolveu no início de 2017, com a mudança na gestão municipal.

As técnicas utilizadas para planejamento, plantio, manejo, manutenção e colheita compreendem técnicas agroecológicas e permaculturais, que buscam valorizar o uso de recursos locais, a ciclagem de nutrientes, a vivificação do solo, o consorciamento de culturas, a compostagem e a bioconstrução. Essas técnicas são estudadas pelos voluntários e são aplicadas em caráter experimental, valorizando a construção horizontal do conhecimento entre os participantes por meio da troca de saberes, da experimentação e da interação em rede com outros grupos de agricultores. As atividades realizadas na horta são todas definidas de forma participativa, autogerida e colaborativa junto aos voluntários da horta.

## **Resultados e Discussão**

Todo o embate travado entre criadores e mantenedores da Horta das Flores e o poder público evidencia, entre outras questões, recentes configurações de habitantes da cidade que tomam para si o protagonismo da transformação, construindo com as próprias mãos, por meio de ações coletivas e chamadas de “comunitárias”, parte de uma São Paulo que não fecha os olhos para a intrincada relação entre agricultura e cidade. Mas esse Estado, mesmo que não seja tratado como ente monolítico e seja compreendido também como um intrincado sistema, não parece preparado para lidar com esses agrupamentos que não possuem lideranças ou formalidade jurídica. O que se percebe é um tensionamento constante entre os interesses comunitários, representados tanto pelo coletivo de voluntários quanto pela associação de bairro local, e os interesses estatais, que alternam a cada nova gestão municipal e que pouco consolida uma ação estruturante para a promoção da agricultura no território, apesar de haver aparato legal e estrutura técnica para tal.

Além disso, a rede de saberes que opera – transformando espaços e corpos - quando se insere no mundo das hortas urbanas comunitárias deixa evidente um jogo entre rua e casa, entre público e privado que se pretende explorar. Muitas das pessoas que aparecem com maior ou menor frequência nos mutirões das hortas urbanas o fazem para aprender mais sobre técnicas de plantio e aplicá-las no âmbito da casa. Mesmo quem não tem esta intencionalidade inicial acaba replicando diversos ensinamentos obtidos para sua intimidade, compostando alimentos, plantando pela primeira vez nas sacadas de seus apartamentos, sendo mais atentos ao que comem e à origem e trajetórias deste alimento do plantio à mesa, transformando seu olhar sobre a importância



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 11

Agroecologia e Agriculturas  
Urbana e Periurbana



das abelhas para a diversidade ambiental, por exemplo. A prática das hortas reverbera em uma transformação dos corpos e dos modos como estes se colocam no mundo. Opera-se um jogo entre a expansão do privado para lugares públicos e o levar do público para a dimensão privada. Nesse sentido, ocorre também um entrelaçamento entre a diversidade dos atores das hortas e certa forma de se posicionar no mundo, certa identificação e convergência de formas de agir.

Observando os conflitos gerados entre coletivo de voluntários e poder público local é possível evidenciar o embate entre a gestão do comum e a gestão pública. Essa gestão do comum se expressa fortemente na contestação à regra da propriedade privada, vendo os recursos naturais locais como sendo de todos e passível de serem manejados de forma colaborativa, sem necessariamente a intervenção estatal. Trata-se de uma lógica de pertencimento a todos, ao mesmo tempo a ninguém. Essa lógica inclui também a contestação à propriedade pública e sob o controle do Estado, uma vez que os poderes econômicos e midiáticos invadem a esfera pública e às monopoliza de acordo com seus interesses, enfraquecendo o papel das estruturas governamentais representativas e privatizando o interesse público (HARDT e NEGRI, 2014).

A especulação imobiliária sobre o terreno, a insegurança em relação ao acesso à terra e a falta de apoio regular (seja em assistência técnica ou no provimento de insumos) se apresentam como os principais desafios à constituição da Horta das Flores. A partir desses desafios, a construção da gestão comum no território se faz a partir da contestação do poder estatal constituído e da negação da lógica de privatização do espaço da horta, produzindo subjetividades nos voluntários que os incita à ação política organizada e à autogestão do território comum.

Esse jogo entre público, privado e comum oferece uma importante perspectiva se analisado sob a narrativa de coexistência, do compartilhamento na gestão e convivência no espaço urbano. Essa perspectiva, nota-se, aparece ligada também a outras formas de iniciativas na cidade de São Paulo, o que contribui para compreender as hortas não como ações isoladas, mas como pontos dentro um entremear de ações que têm como espaço as áreas públicas e como bandeira a ideia da cocriação, do convívio e da gestão comum. O cuidar - o *cultivo* - passa a ser não somente de alimentos, mas de relações, espaços, saberes tradicionais, ampliando uma prática aparentemente inofensiva e pontual para uma miríade de compreensões e formas de ação mais sistêmicas que incluem a percepção de poder de ação sobre o espaço em que se vive, diferentemente de uma postura imobilista perante o Estado.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 11**

Agroecologia e Agriculturas  
Urbana e Periurbana



### Referências bibliográficas

ALMEIDA, D. A. O. de **Isto e aquilo: agriculturas e produção do espaço na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH)**. 438p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2016.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Declaração - Isto não é um manifesto**. 1. ed São Paulo, SP: n-1 edições, 2014. 144 pp.

HARVEY, D. **The right to the city**. *New Left Review S.I. II (53): 23–40. (Setembro-outubro/2008)*.

NAGIB, G. **Agricultura urbana como ativismo na cidade de São Paulo: o caso da Horta das Corujas**. 2016. 434p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.